

239486

LINGUAGEM, COMUNICAÇÃO, E . . .

Ubiratan de Mattos *

RESUMO

LINGUAGEM é um termo que designa muitas coisas. Ainda que o léxico português possua dois vocábulos para **língua** e **linguagem** (o que não ocorre em inglês, por exemplo), o problema permanece: os conceitos e definições em questão não dão conta de um estudo preciso do assunto.

Os **canais** da comunicação representam um caso semelhante.

Este artigo trata do conceito de linguagem, sua relação com a comunicação, dos canais desse processo e do fenômeno do ruído. A discussão tenta iluminar a base da compreensão desses tópicos.

ABSTRACT

LANGUAGE is a word which defines some different matters and processes. Although the portuguese lexicon provides the distinction between language in the sense of **idiom** ("língua") and language as the **speech**, the act of communication ("linguagem"), the problem remains the same: the various concepts and definitions do not succeed in giving a precise approach to the matter.

The **channels** of communication represent somehow a similar point of doubt.

This article deals with the concept of language, its relationship with the communication, the channels of the process and the **noise** as a phenomenon. This discussion is an attempt to clarifying the basis for the comprehension of these subjects.

1. COMUNICAÇÃO, LINGUAGEM E LÍNGUA

Comunicação é contato, é aproximação. Obrigatoriamente, estabelece-se entre, no mínimo, dois seres humanos. Comunicar-se é uma forma de tocar o outro e ser tocado por ele em algo daquilo que se tem em comum: a "humanidade", compreendida como a qualidade conjunta de tudo o que é humano, referente ao homem.

Não é por acaso que, na etimologia da palavra, vê-se o termo **comum**, "pertencente a todos ou a muitos".⁽¹⁾

Joaquim Mattoso Câmara Jr., que recebeu ser chamado de Pai da Lingüística no Brasil, definiu comunicação como "intercâmbio mental entre os homens feito por meio da linguagem ou da mímica."⁽²⁾ O conjunto sistemático de conhecimentos nesse campo chama-se **Teoria da Comunicação** e nasceu como um ramo da Engenharia. A ela devemos um certo número de conceitos dos quais a Lingüística se utilizou, tais como **mensagem**, **código**, **redundância**, **encodização**, **decodização**, **ruído**.⁽³⁾ No seu berço, portanto, a Teoria da Comunicação confunde-se com a **Teoria da Informação** e possui características vincadamente mecanicistas. Na medida em que se progride para o domínio da Lingüística e, bem mais recentemente, da Semiótica, constata-se uma forte tendência para a "humanização da comunicação"⁽⁴⁾ Assim, as posições "vazias" de Remetente e Destinatário passam a merecer atenção, muito justificadamente, como sítios ocupados por dois sujeitos, "pinçados num momento de seu devir, inscritos cada qual no seu próprio discurso".⁽⁵⁾

Realmente, esquecer ou negligenciar o fato de que a comunicação é uma **relação de intersubjetividade** é prova de miopia intelectual. Só se justifica uma abordagem aprofundada, nesse campo, numa perspectiva de enfoque social, humanístico. Fora disso, bem melhor seria falar em **Teoria da Manipulação**, e mais adequado. As relações humanas são, fundamental e substancialmente, atos de comunicação, disseminados em tantos e tantos níveis de complexidade, em tantos e tantos tipos e subtipos, coloridos dos mais inesperados matizes, mas, jamais, alienados do objetivo de **tornar comum** alguma manifestação do conteúdo mental humano.

2. ELEMENTOS DA COMUNICAÇÃO

Uma unidade processual mínima da comunicação exige a presença de seus elementos básicos e a satisfação de certa condição. Assim é que devem existir: a) um "eu" **emissor**, também chamado **remetente** ou **enunciador**, aquele que decide passar uma mensagem a alguém; b) esta **mensagem**, que nada mais é do que a informação que deverá transitar no processo em questão; c) o **receptor** ou **destinatário** ou **enun-**

(★) Mestre em Letras, coordenador do Curso de Pós-Graduação em Letras da Faculdade Tuiuti - Paraná - Professor de Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Psicolingüística.

(1) CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982, p. 202.

(2) CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Dicionário de lingüística e gramática*. Petrópolis, Vozes,

1981, p. 77.

(3) *Ibid.* p. 77. **Reconhece-se, em que pese o respeito à citação, que são preferíveis os termos codificação e decodificação a encodização e decodização, respectivamente.**

(4) GREIMAS, A.J. & COURTÉS, J. *Dicionário de semiótica*. São Paulo, Cultrix, p. 68.

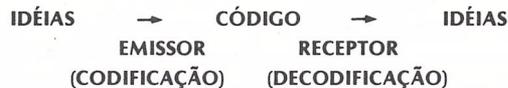
(5) *Ibid.*, p. 68.

ciatário, aquele a quem se destina a mensagem, a informação; d) o **código**, ou seja, um sistema (conjunto organizado) de signos⁽⁶⁾ que possibilite a veiculação da mensagem, por si só de natureza mental, abstrata. A condição a ser satisfeita é a de que o código usado seja de domínio (ao menos parcial) dos dois sujeitos da comunicação, emissor e receptor. Pode-se dizer que tal condição é um fator limitante na "célula comunicativa", já que o seu descumprimento resulta na falência da comunicação como tal.

Visualizando:



O emissor atua **codificando** ou **cifrando**, isto é, pondo em código as idéias que deseja transmitir. O processo é a **codificação** ou **cifração**. De seu lado, o receptor deverá **decifrar**, **decodificar**, ou seja, transformar o código que lhe chega em idéias que contém. É a **decodificação** ou **decifração**, processo naturalmente complementar ao primeiro.



3. LINGUAGEM E LÍNGUA

Seria absolutamente impossível falar de comunicação sem recair na discussão sobre a linguagem. E deve-se começar abordando a própria definição do termo. Afinal, o que é **linguagem**?

Sabe-se, intuitivamente, que ela acaba confundindo-se com a expressão **fala humana** e, nesta acepção, é largamente utilizado o termo, não só de forma descompromissada como também em inúmeras discussões acadêmicas sobre o assunto. Por outro lado, menos intuitivamente, conhece-se que o termo em questão transcende tanto o elemento "fala" quanto o elemento "humana" daquela expressão. É dessa forma que se reconhece como linguagem, por exemplo, o código de trânsito, o código visual dos surdos-mudos, assim como os assobios dos golfinhos.

A realidade cultural que marca esse campo semântico nem sempre claro exige que se atinja o sentido exato que ao termo está sendo dado por quem se expressa e que, por sua vez, o sujeito da enunciação facilite essa compreensão por parte do receptor

De toda forma, os estudiosos da linguagem merecem ser ouvidos. Mattoso Câmara deu a seguinte definição:

"LINGUAGEM — Faculdade que tem o homem de exprimir seus estados mentais por meio de um sistema de sons vocais chamado língua, que os organiza numa REPRESENTAÇÃO compreensiva em face do mundo exterior objetivo e do mundo subjetivo interior."⁽⁷⁾

É assim que, refletindo sobre linguagem, alcança-se outro conceito, o de **língua**. Ainda com Mattoso Câmara, pode-se caminhar no sentido de mais essa definição:

"LÍNGUA — Em seu sentido primário é o nome do órgão mais importante do aparelho fonador. Daí, por metonímia, a fixação do outro sentido paralelo, para designar o sistema de sons vocais por que se processa numa comunidade humana o uso da linguagem."⁽⁸⁾

Esquemáticamente, temos que, para o autor citado:

- a) a linguagem é uma **faculdade**, uma **capacidade humana**.
- b) a linguagem é a capacidade que o homem possui de **exprimir estados mentais**.
- c) a linguagem é a capacidade que o homem possui de exprimir estados mentais **por meio de um sistema de sons vocais chamado língua**.
- d) a linguagem é uma **capacidade**, uma **competência**; a **atividade**, o **desempenho** da linguagem é a **fala**.

Ficam evidenciados, nessa linha de pensamento, dois aspectos a destacar: a) a linguagem é definida como uma faculdade humana; b) a fala é a realização concreta da linguagem, e esta só se atualiza naquela. Essas duas afirmações necessitam sofrer adequações pela reflexão.

Em primeiro lugar, não parece apropriado, apesar de assim o fazerem os principais autores (Dubois *et alii*, Mattoso Câmara, etc.), identificar linguagem com capacidade de comunicar-se. Isso a coloca num estágio estático e basilar, numa espécie de plataforma a partir da qual as "coisas" da comunicação acontecem. Bem mais próprio é reconhecer a linguagem como algo dinâmico (que realmente é), **algo que se processa**, que **acontece** e não só que fundamenta acontecimentos. O que se propõe é uma revisão do termo "faculdade" consagrado nos dicionários de lingüística, com a respectiva alteração na própria definição resultante. Linguagem, então, passa a ser a

(6) O conceito de *signo* será discutido mais à frente.

(7) CÂMARA JR., J. Mattoso. *Dicionário de lingüística e gramática*. Petrópolis, Vozes, 1981, p. 159.

(8) *Ibid.*, p. 158.

modalidade (ou modo, meio) especificamente humana de exprimir estados mentais por meio de um sistema de sons vocais chamado língua. Com isso, deixa-se o campo da capacidade de fazer acontecer, em favor do próprio acontecer como dado real. Essa preocupação em conseguir uma definição mais adequada parece ter dado passos decisivos com os estudiosos da Semiótica⁽⁹⁾ (semioticistas). Greimas e Courtés, por exemplo, manifestam-se assim:

*“Pode-se dizer que a linguagem é objeto do saber, visado pela semiótica geral (ou semiologia): não sendo tal objeto definível em si, mas apenas em função dos métodos e dos procedimentos que permitem sua análise e/ou sua construção, qualquer tentativa de definição da linguagem (como faculdade humana, como função social, como meio de comunicação, etc.) reflete uma atitude teórica que ordena a seu modo o conjunto dos ‘fatos semióticos’. O menos comprometedor é talvez substituir o termo **linguagem** pela expressão **conjunto significante**. Partindo do conceito intuitivo de universo semântico, considerado como o mundo apreensível na sua significação, anteriormente a qualquer análise, tem-se o direito de estabelecer a articulação desse universo em conjuntos significantes ou linguagens, que se justapõem ou se superpõem uns aos outros.”⁽¹⁰⁾*

Em segundo lugar, a aproximação linguagem-fala força uma existência unicamente singular do objeto estudado. É suficiente que forcemos um plural, aí, para abrir-se um novo horizonte de discussão (e de visão). A expressão **as linguagens**, portanto, sugere a necessidade de desfazer-se o vínculo obrigatório com a fala, até aqui sustentado, como se depreende da própria citação acima. Essa abordagem já acontece em terreno nitidamente semiótico. Chama-se **Semiótica** ou **Semiologia** (de uma forma geral e didática) à ciência geral dos signos. No dizer de Dubois et alii:

“A Semiótica retoma o projeto da semiologia de F. de Saussure e se coloca como objeto o estudo da

vida dos signos no seio da vida social. Diferentemente da semiologia provinda do ensinamento de F. de Saussure, no entanto, ela se recusa a destacar a linguagem e a sociedade. A semiótica deseja ser uma teoria geral dos modos de significar.”⁽¹¹⁾

Chega-se à expectativa de conhecer a relação Semiótica-Lingüística. Para tanto, é necessário saber o que é signo, e vem à tona a contribuição inestimável de Saussure (1916)⁽¹²⁾. Mattoso Câmara, historiando, relata:

“O primeiro e crucial problema de lingüística geral que Saussure focalizou dizia respeito à natureza da linguagem. Encarava-a como um sistema de signos. Ela se lhe apresentava como a realização mais elaborada e mais completa do homem em sua capacidade de operar com signos. Considerava a lingüística, portanto, como um aspecto de uma ciência mais geral, a ciência dos signos, ou ‘Semasiologia’, ...”⁽¹³⁾

Contudo, não era a semasiologia em geral a prender a atenção de Saussure. Privilegiava ele a língua, defendendo que devia ser ela estudada de tal forma que os princípios resultantes da sua análise fossem os pilares de uma ciência geral dos signos humanos. Por ser a língua de natureza simbólica, ele a via como o resultado, concretizado por uma comunidade humana, da relação entre um conjunto complexo de sons vocais e um conjunto de conceitos. Nessa linha de pensamento, a língua resulta uma entidade abstrata, um sistema de relações. Assim foi que Saussure estabeleceu a clássica distinção entre o que chamou de **significante** (**le signifiant**), uma forma fonética e, de outro lado, o **significado** (**le signifié**), um conceito ou “feixe de idéias”. O resultado dessa relação é a forma lingüística. Ele próprio ilustrou graficamente seu raciocínio:

(9) O termo *Semiótica* será definido mais à frente.

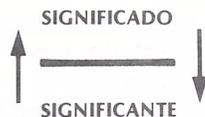
(10) GREIMAS, A.J. & COUTÉS, J. *Dicionário de semiótica*. São Paulo, Cultrix, p. 259.

(11) DUBOIS et alii. *Dicionário de lingüística*. São Paulo, Cultrix, 1978, p. 537.

(12) SAUSSURE (Ferdinand de), lingüista suíço (Genebra 1857 — Vufflens, cantão de Vaud, 1913). Seu nome é um marco importantíssimo na história da lingüística. Albert Sechehaye e Charles

Bally, seus amigos e discípulos, publicaram, em 1916, após sua morte, uma compilação das suas aulas ministradas em três cursos sucessivos em Genebra, sob o nome de *Curso de Lingüística Geral*. Essa obra exerceu grande influência, podendo ser considerada o ponto de partida da corrente estruturalista. (Conforme NOVÍSSIMA ENCICLOPÉDIA DELTA LAROUSSE, Vol. 6).

(13) CÂMARA JR., J. Mattoso. *História da lingüística*. Petrópolis, Vozes, 1975, p. 105.



As setas em direções opostas representam o verdadeiro fenômeno lingüístico.⁽¹⁴⁾

A reunião, o conjunto de significante e significado constitui o **signo**. Greimas e Courtés propõem, de passagem, uma analogia entre o signo e uma folha de papel⁽¹⁵⁾. Assim, como a folha só é folha possuindo frente e verso, o signo só o é mediante a existência conjunta de significante e significado. A frente e o verso da folha se pressupõem reciprocamente; o significante só existe porque existe o significado e este não é nada se for abstraído o significante. A separação, a fragmentação do signo em suas partes constituintes é um necessário exercício didático, mas, na realidade, o processo lingüístico-semiótico apresenta-o como indivisível.

Em termos lingüísticos e de acordo com Saussure, nos seus primeiros passos desse estudo, o signo é constituído de uma **imagem acústica** (significante) reunida a uma **imagem mental** (significado). O próprio Saussure expandiu e aprimorou a teoria, mas, até hoje, sobrevive uma tendência de reduzir o signo ao "signo mínimo", a **palavra**, melhor dizendo, o **morfema** ("o menor elemento significativo individualizado num enunciado"⁽¹⁶⁾). É preciso estender essa noção a uma perspectiva mais ampla. A frase, o período, o texto, são signos onde a uma **cadeia acústica** corresponde uma **cadeia-significado**, ambas de natureza mais complexa, mas nem por isso, menos obedientes às definições de significante e significado. Nesse particular, destaca-se o papel de L. Hjelmslev⁽¹⁷⁾:

"A contribuição de L. Hjelmslev à teoria dos signos é dupla:

a) apresentando o signo como resultado da semiose que se efetua no momento do ato de linguagem, mostra ele que a dimensão das

unidades de manifestação não é pertinente para a definição do signo, por outras palavras, que, ao lado dos signos mínimos, as "palavras", pode-se também falar de signos-enunciados ou de signos-discursos;⁽¹⁸⁾

A **semiose**, aí referida, é a operação que instaura uma relação de pressuposição recíproca entre significante e significado (Saussure) — ou entre a forma da expressão e a do conteúdo (Hjelmslev) e, com isso, produz signos. É assim que todo ato de linguagem implica uma semiose, vale dizer, uma **significação** ou, mais ainda, um **processo de significação**.⁽¹⁹⁾

Os signos, desde que estejam organizados em um conjunto próprio, onde haja normas que disciplinem as relações entre eles bem como o seu uso, constituem um **código**. A língua de que se valem dois sujeitos comunicantes é um código, assim como o conjunto de sinais visuais pelos quais os navegadores marítimos se comunicam a distância também o é. É o código, assim definido, que permitirá a produção de mensagens.

A relação **código/mensagem**, discutida por Jakobson, repete a oposição **língua/fala** de Saussure. O lingüista suíço chamava de **língua** o objeto da lingüística, o sistema supra-individual, separado, portanto, das contingências individuais e materiais (nesse sentido, **língua** pode ser identificada com **sistema semiótico**); e de **fala** (em que pesem certas imprecisões nocionais) a língua assumida, atualizada e transformada pelo falante numa circunstância de comunicação.

Em que pese a muita contradição existente nesse campo de estudo e até, muitas vezes, a impossibilidade de definir-se com exatidão um termo, pode-se dizer que o signo, portador da dicotomia significante-significado, é um elemento que **substitui** ou que **representa** outro. Fica sendo, nessa relação, o representante; o representado é chamado de **referente**. Sem que se pretenda esgotar o inesgotável, opta-se, aqui, por aceitar a proposta de R. Jakobson⁽²⁰⁾, identi-

(14) CÂMARA JR., J. Mattoso. *História da lingüística*. Petrópolis, Vozes, 1975, p. 106.

(15) GREIMAS & COURTÉS, op. cit., p. 422.

(16) DUBOIS et alii, op. cit., p. 419.

(17) HJELMSLEV (Louis Trolle), lingüista dinamarquês (Copenhague, 1899 — id. 1965). Situado na linha saussureana, entendendo ser a língua uma estrutura, um sistema a ser descrito, fundou, com V. Brondal, o Círculo Lingüístico de Copenhague (1931). Em *Um esboço da glossemática*, escrita em colaboração com H. Uldall (1936), aparece a sua teoria, a *glossemática*, tentativa rigorosa de formalização das estruturas lingüísticas e aprofundamento dos conceitos saussureanos: língua/fala, expressão/conteúdo, forma/substância. (Conforme NOVÍSSIMA ENCICLOPÉDIA DELTA LAROUSSE, Vol. 4).

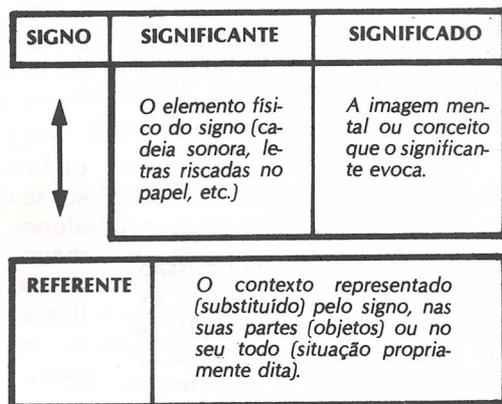
(18) GREIMAS & COURTÉS, op. cit., p. 422.

(19) Ibid., pp. 408, 409, 418, 419.

(20) JAKOBSON (Roman), lingüista russo (Moscou, 1896 — Boston, 1982). Em Moscou, fez seus estudos e aproximou-se dos formalistas russos. Em 1920, fixou-se na Tchecoslováquia e participou do Círculo Lingüístico de Praga. Em 1939, emigrou para os países escandinavos e, em 1941, para os EUA, onde lecionou desde então. Alguns aspectos da sua obra considerável estão reunidos em *Ensaios de lingüística geral* (1963 — 1973, 2 vol.). Refletiu sobre todos os aspectos da lingüística e até da psicolingüística (*Língua infantil e afasia*, 1941). É famoso seu estudo das relações entre a teoria da comunicação e a linguagem, que resultou na descrição das funções da linguagem. Chegou também a refletir sobre a natureza da linguagem poética. (Conforme NOVÍSSIMA ENCICLOPÉDIA DELTA LAROUSSE, Vol. 4).

ficando **referente** e **contexto**. Referente é contexto, também chamado **contexto situacional** ou **contexto de situação** ou seja, "são os dados comuns ao emissor e ao receptor na situação cultural e psicológica, as experiências e conhecimentos de cada um dos dois."⁽²¹⁾ A situação cultural, na qual estão imersos os comunicantes, permite afirmar-se que são referentes tanto os objetos da experiência quanto a própria experiência em si. Assim, o signo-palavra "casa" mantém com o referente, o objeto "real" existente no mundo extra-lingüístico, uma relação de representação ou substituição. O signo-enunciado "O homem está entrando em casa" mantém o mesmo tipo de relação com o referente (mais complexo) que é uma situação, um recorte da experiência extra-comunicação.

Portanto:



Chega-se a perceber, arrolando todos os conceitos aqui definidos resumidamente, que, se a Semiótica é a Teoria Geral dos Signos e a Lingüística, a ciência particular dos signos da linguagem humana "considerada na base da sua manifestação como língua"⁽²²⁾, a Lingüística surge como um ramo ou capítulo da Semiótica, podendo mesmo ser considerada uma semiótica especial, dedicada à especificidade dos signos vocais humanos.

4. CANAIS DA COMUNICAÇÃO

Basicamente, existem duas formas de compreender o que seja um canal da comunicação. Quando se afirma que "o termo canal designa o suporte material ou sensorial que serve para a transmissão das mensagens"⁽²³⁾, toma-se o cuidado de lembrar que ele foi emprestado da Teoria da Informação. As duas definições possíveis nascem das duas expressões: "suporte material" e "suporte sensorial".

A primeira parece bem coerente com a origem do termo e é tecnicamente descrita assim:

"Canal (termo técnico da teoria da comunicação) é o meio pelo qual são transmitidos os sinais do código, no curso do processo da comunicação; é o suporte físico necessário à manifestação do código sob a forma de mensagem. Estão neste caso os cabos elétricos para a telegrafia ou para a comunicação telefônica, a página para a comunicação escrita, as faixas de frequência de rádio, os sistemas mecânicos de natureza diversa. No caso da comunicação verbal, o ar é o canal pelo qual são transmitidos os sinais do código lingüístico."⁽²⁴⁾

A segunda expressão, "suporte sensorial", desloca a definição de canal para o pólo do sujeito na comunicação. Eurico Back e Geraldo Mattos dizem o seguinte:

"Aos dispositivos do receptor para captar o código denominamos canal, cada um dos 5 sentidos. Alguns exemplos:

CÓDIGO	CANAL
Telefonema	A
Desenho	V
Alfabeto para cegos	T
Salva de palmas	AV
Abraço	AVT
Beijo	AVTGO

⁽²⁵⁾

Há uma nota dos autores explicando que cada canal está abreviado pela sua inicial: A (auditivo); V (visual); T (tátil); G (gustativo) e O (olfativo).

Parece, de fato, que esta segunda definição coaduna-se mais com a realidade da comunicação lingüística e, mesmo além dela, parece atender melhor às expectativas de uma teoria da comunicação mais humanizada e menos mecanizada. Entretanto, permanece a exigência de uma uniformidade terminológica e a conseqüente precisão do vocabulário científico.

Um recurso que se pode propor, no sentido de aclarar as imprecisões, é redefinir o termo, adotando especificação maior. Seria o caso de chamar-se de:

a) **canal de transmissão ao suporte físico-material**, extra-humano, pelo qual o código alcança o receptor; e

(21) DUBOIS et alii, op. cit., p. 149

(22) CÂMARA JR., J. Mattoso. *Dicionário de lingüística e gramática*. Petrópolis, Vozes, 1981, p. 159.

(23) GREIMAS & COURTÉS, op. cit., p. 42.

(24) DUBOIS et alii, op. cit., p. 97.

(25) BACK, E. & MATTOS, G. *Gramática Construtural da língua portuguesa*. São Paulo, FTD, 1972, Vol. I, p. 5.

b) **canal de recepção ao suporte físico-sensorial**, humano, pelo qual o receptor percebe, capta o conjunto sógnico que o emissor produziu.

É possível verem-se duas conseqüências dessas definições:

a) o canal de transmissão condiciona o signo quanto ao tipo de significante.

b) o canal de transmissão, ao condicionar o signo quanto ao tipo de significante, condiciona também o canal de recepção.

Exemplificando: o canal de transmissão "ar" exige um signo de significante sonoro ou olfativo e obriga o receptor a uma captação auditiva (canal de recepção auditivo) ou olfativa (canal de recepção olfativo). O canal de transmissão "página" exige um signo de significante gráfico e obriga o receptor a uma captação ou visual ou tátil. O canal de transmissão "objeto X com potencialidade gustativa" exige um signo de significante gustativo e obriga o receptor a uma captação pelo paladar (canal de recepção gustativo).

5. RUÍDO

O trânsito, pelo canal de transmissão, até a captação, pelo canal de recepção, expõe a mensagem a riscos de distorção de ordens várias. Essas alterações possíveis de acontecer, verdadeiras perturbações no circuito comunicante, constituem o que se chama **ruído**.

A noção de ruído torna-se não só interessante como necessária, dentro da teoria da comunicação, pois fornece condições de se analisar melhor a realidade do ato comunicativo, constatando-se as modificações que alteram, tantas vezes, o teor e a quantidade da mensagem.

Tecnicamente, pode-se partir da aceitação mais mecânica, lembrando o ruído que é aquele barulho interferente, resultado de defeito do aparelho na transmissão ou na recepção. Generalizando-se para o processo humano, psicossocial da comunicação, **ruído constitui qualquer distorção imposta à informação numa célula comunicativa.**

Se ruído é distorção da informação, é possível sua classificação, de acordo com suas naturezas diversas. Assim, tem-se que o ruído pode ser:

1) quanto ao resultado produzido: a) distorção por perda de informação; b) distorção por acréscimo de informação; c) distorção por desvio de informação.

2) quanto à fonte do ruído: a) de ordem física; b) de ordem psíquica; c) de ordem social.

3) quanto ao local de ocorrência (ponto de manifestação): a) localizado no emissor; b) localizado no receptor; c) localizado no trajeto entre ambos.

Psicologicamente falando, chega-se a considerar, por exemplo, como ruído, na

comunicação vocal, a cólera que, certamente, age perturbando o circuito comunicante. Situando-a na classificação acima proposta, a cólera seria um ruído localizado no emissor ou no receptor, de ordem psíquica, e que pode causar, de acordo com as variações circunstanciais, perda, acréscimo ou desvio da informação.

Suponhamos que, em uma aula de português, no instante em que o professor está discutindo um conteúdo de análise sintática, acontece a seguinte interferência: no pátio da escola, um aluno faz funcionar o motor de sua motocicleta e é daqueles que acredita obsessivamente que o melhor meio de aquecer um motor é acelerar e desacelerar alternada e irritantemente, várias vezes seguidas (claro que um efeito secundário desse procedimento é chamar a atenção de todos, fazendo o motoqueiro "aparecer"!). Suponhamos, ainda, para melhorar (ou piorar!) o exemplo, que o cano de escape dessa moto já esteja pedindo conserto há vários meses.

Lá em cima, no primeiro andar, a aula está exatamente no ponto em que o professor se dispõe a ditar algumas frases para os alunos analisarem. Mesmo ouvindo os primeiros insultos do motor, lá embaixo, decide ditar a primeira frase em meio à barulheira crescente:

— Escrevam aí: "Caçou um gavião agora."

Um segundo antes de haver o professor pronunciado a primeira sílaba, entrava na sala uma aluna retardatária. Na verdade, não era **uma** aluna. Era **a** aluna! daquelas que estragam a concentração de qualquer filho de Deus em qualquer raio de aula!

Entre os rapazes que ocupam a região do "fundão" da sala, um deles (pelo menos), ouvindo o heróico professor na sua persistência idealista, recebendo nos ouvidos a metralha daquele escapamento "rock-pauleira" e sendo atraído, inapelavelmente, pela figura ímpar daquela colega, digna herdeira de Vênus, escreve no seu caderno: "Passou um avião agora!"

Sem tocar no problema de ordem sintática nascido da diferença entre as duas frases, a que foi ditada e a que foi escrita, veja-se o aspecto do ruído nesse instante de comunicação. A informação partiu, codificada pelo emissor-professor, percorreu o canal de transmissão (ar) e foi captada pelo canal de recepção do receptor-aluno, que fez a decodificação.

Verificou-se, entretanto, uma distorção (ruído) por desvio da informação (quanto ao resultado produzido), centrada no receptor (quanto ao local de manifestação) e originada de duas fontes, o barulho da moto (de ordem física) e a interferência da inesperada presença da bela figura feminina (de ordem psíquica).

Em realidade, são dois os ruídos, quanto à fonte, que convergem para um só,

quanto ao resultado e quanto ao local de manifestação.

Existe uma vivência interessante, relativa ao ruído na comunicação, que demonstra e ilustra o conjunto de fenômenos de uma cadeia comunicativa que caracterizam e colorem essa ocorrência. É, na verdade, tomada, essa vivência, do rol de brincadeiras de domínio comum e, no fundo, o ruído que o especialista constata, pesquisa, define e explora, é fonte de diversão no âmbito do senso comum.

Crianças e adolescentes conhecem, em geral, essa brincadeira como "telefone sem fio". Trazendo-a para a sala de aula, submetendo sua realização a uma finalidade didática, pode-se descrevê-la da seguinte maneira: o professor escolhe, previamente, um objeto apropriado para esse fim. Ele pode ser, por exemplo, uma capa de livro onde a ilustração seja rica em desenhos, cores, situações, palavras, etc. Uma ilustração curiosa é ótima se puder ser conseguida. Evidentemente, qualquer objeto rico em nuances presta-se perfeitamente à experiência.

Solicita-se um grupo de voluntários entre os alunos. Serão eles que formarão a cadeia humana ao longo da qual se transmitirá a informação. Para o sucesso da demonstração, é conveniente que não sejam menos de dez os componentes dessa cadeia.

Em seguida, pede-se que os voluntários deixem a sala e aguardem, do lado de fora, serem chamados, um por vez, para suas respectivas atuações. É então que o

professor apresenta o objeto à turma, aos espectadores testemunhas do processo. Uma vez inteirados, todos, dos detalhes físicos e psicológicos do objeto, este é recolhido, e inicia-se a experiência propriamente dita.

O primeiro dos voluntários é chamado à sala. O professor mostra a ele, passando-lhe às mãos para que o manuseie, o tal objeto (**referente**). Deverá esse aluno, numa etapa imediatamente posterior, transmitir, em linguagem oral, com base na memória que conseguiu do objeto, a informação mais fiel possível dele ao segundo colega chamado à sala. Este segundo elemento não mais tem acesso ao referente, apenas ouve a cadeia sónica voco-visual que o colega produz. A partir desse ponto, está-se no mundo dos signos, no universo da linguagem, no reino da comunicação.

O terceiro aluno chamado receberá do segundo nova transmissão oral daquilo que este for capaz de passar-lhe, com base naquilo que recebeu do primeiro.

Sucessivamente, estende-se a "corrente" até o último dos seus "elos". Ao longo do processo, os espectadores terão constatado a progressiva alteração na informação, que sempre se mostra de certa forma engraçada para quem conhece o ponto de partida, ou seja, o referente. Para coroar a demonstração, pode-se fazer a comparação do último com o primeiro dos participantes, chamando-os para confronto das enunciações. No mínimo, a experiência com o ruído é curiosa e estimula reflexões sobre a comunicação.